

# Nome de papel higiênico gera polêmica

A empresa diz que homenageou os povos ticuna e tupé dando os nomes ao papel. Já o deputado estadual Corado acha humilhação e pede mudança

Euzivaldo Queiroz

A empresa Sovel da Amazônia Ltda. está sendo acusada de discriminação aos povos indígenas por ter colocado os nomes de Ticuna e Tupé em marca de papel higiênico. O protesto surgiu a partir do deputado estadual Joaquim Corado (PPB), que encaminhou um ofício à empresa, no mês passado, requerendo a troca dos nomes. O documento, aprovado no plenário da Assembléia Legislativa, foi assinado ainda pelos deputados estaduais Libermam Moreno (PSDC) e Belarmino Lins (PTB).

O diretor-presidente da Sovel, Aly Yacud, se diz indignado com a reação dos deputados. "Será que eles não têm nada mais importante para fazer?", questionou. Segundo ele, se os deputados estão interessados em defender os povos indígenas deveriam se preocupar com questões ligadas à qualidade de vida dos índios. "Por que eles não defendem a demarcação de terras, a educação e a saúde dos povos indígenas?"

Aly afirma que a empresa não teve a intenção de ferir o orgulho dos povos indígenas ao utilizar os nomes Ticuna e Tupé em papéis higiênicos. "Nos sentimos orgulhosos em homenagear um povo e uma figura ligada à cultura da região. Quisemos prestar uma homenagem ao usar nomes regionais". O presidente da sovel citou vários produtos que recebem nomes indígenas, como o próprio Guaraná Tuchaua, produzido na região. Ele não considera justo o protesto só por se tratar de um papel higiênico.

De acordo com Aly, a polêmica levantada pelos deputados desperta a atenção das pessoas para possíveis brincadeiras. "Os papéis higiênicos foram lançados há quase um ano e as pessoas já se acostumaram". Ele analisa o protesto



Os papéis higiênicos Ticuna e Tupé podem ser encontrados nos supermercados de Manaus

dos deputados como um entrave ao progresso do estado. "Somos a única empresa que faz esse tipo de produto no Amazonas. Estamos no mercado há 23 anos, gerando 320 empregos diretos e contribuindo para o progresso do estado".

O presidente da Sovel disse que a empresa ainda não encaminhou uma resposta à Assembléia Legislativa. "Os advogados estão preparando uma resposta. Mas eles desconhecem na legislação qualquer empecilho à utilização de nomes

indígenas em qualquer tipo de produto". Aly afirma que a empresa não tem condições de trocar os nomes dos papéis higiênicos.

"Fizemos um investimento de R\$ 15 milhões para o lançamento desses produtos. Gastamos com máquinas, propaganda e embalagem. Além disso, os consumidores já gravaram os nomes", explicou Aly. Ele informou que a empresa produz mensalmente 30 mil fardos (embalagens com 16 unidades) de cada produto.

## Deputado acha homenagem discriminante

O deputado estadual Joaquim Corado afirma que a atitude da empresa Sovel da Amazônia de colocar os nomes em papéis higiênicos de Ticuna e Tupé reforça a discriminação aos povos indígenas. "O povo brasileiro discrimina os índios. O racismo contra o índio é mais forte que contra o negro". Para Corado, ao aceitar esse tipo de atitude, a sociedade difunde o preconceito. "O nome do povo ticuna em um papel higiênico dá espaço a brincadeiras de mau gosto".

Corado não acredita que a empresa tenha utilizado os nomes por má-fé. "Eles foram infelizes na escolha por causa do produto. O papel higiênico dá uma conotação pejorativa", disse.

Mas o deputado afirma que é contra a utilização de nomes indígenas em qualquer produto por causa da discriminação. Na verdade, o protesto de Corado é contra a utilização do nome Ticuna. "Tupé é uma figura da cultura indígena. Ticuna é nome de um povo".

Segundo Corado, a empresa deve desconhecer a realidade do povo ticuna. "Eles vivem em condições muito precárias. Os ticunas estão abandonados. São tidos como um povo frágil e dependente". O deputado explicou que o protesto é uma forma de lutar contra a situação de abandono em que os ticunas vivem. "Não podemos aceitar que o povo ticuna seja tratado

dessa forma". Corado comentou que os próprios municípios onde estão localizadas as aldeias discriminam os índios.

Segundo ele, o ofício encaminhado à empresa Sovel, requerendo a mudança do nome do papel higiênico, foi discutido no plenário da Assembléia Legislativa.

"Não recebemos uma resposta. Também não estipulamos um prazo", disse Corado. Ele afirmou que vai esperar uns três meses. "Vou esperar porque sei que a empresa teve gastos com marketing para lançar o produto". Mas Corado garante que o assunto não vai ser esquecido. "Vamos levar essa polêmica adiante".

## Cimi diz que ato foi apropriação indébita

O vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Francisco Loebens, acredita que a reação contrária dos deputados à utilização dos nomes de povos indígenas nos papéis higiênicos da empresa Sovel da Amazônia é uma polêmica menor. "O que precisa ser discutido é a utilização da cultura indígena sem nenhuma regulamentação". Apesar disso, Francisco afirma que a atitude pode ser caracterizada como ato de apropriação indébita.

Francisco comenta que as empresas têm utilizado termos e nomes indígenas em seus produtos porque não existe uma legislação sobre esse assunto. "Está sendo discutido na Câmara dos Deputados, através do Estatuto das Sociedades Indígenas, a regulamentação do uso não só de termos, mas do conhecimentos dos povos indígenas". Segundo ele, as empresas terão que ter uma preocupação com a apropriação da cultura indígena.

Para Francisco, a utilização de nomes de povos indígenas em papel higiênico não se constitui em um ato de humilhação exclusivamente por causa do produto. "A apropriação indébita não depende do tipo de produto".

## Questão é banal para a Coiab

A polêmica da utilização do nome de povos indígenas em papel higiênico não merece muita ênfase. Essa é a opinião do assessor da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Manoel da Silva Lima. Segundo ele, a entidade está mais interessada em discutir a questão da demarcação das terras indígenas, da propriedade intelectual indígena e da biodiversidade.

"Estamos preocupados com assuntos mais sérios, que realmente afetam a vida dos povos indígenas", disse Manoel. Segundo ele, essas questões deveriam estar na pauta de discussões dos deputados estaduais. O assessor da Coiab acredita que a polêmica poderia ser tratada entre a empresa que lançou os papéis higiênicos e os próprios índios ticuna e tupé. "A opinião dos índios deveria ser consultada em primeiro lugar".

Manoel comentou que a legisla-

ção brasileira não regulamenta a utilização de termos indígenas comercialmente. "Não há nada que impeça esse tipo de uso da cultura indígena". Ele ressalta que a polêmica não deve ser levada em consideração. "Polemizar esse tipo de acontecimento é uma forma de tirar a atenção dos problemas mais importantes".

O assessor da Coiab ressaltou que a grande discussão é a apropriação do conhecimento indígena na questão da biopirataria. "Os pesquisadores estrangeiros e brasileiros procuram as comunidades indígenas para conhecer plantas que curem determinada doença, economizando tempo de pesquisa e dinheiro". Ele informou que a entidade está planejando uma campanha de conscientização contra a biopirataria para evitar que a propriedade intelectual dos povos indígenas e a riqueza biológica sejam saqueados.

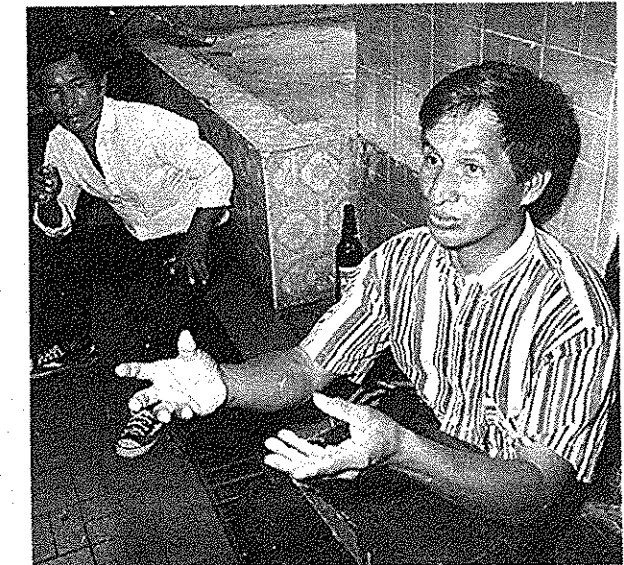
## Ticuna se sente desrespeitado

O coordenador da Escola Indígena Rural, Damião Carvalho Neto, 33, ticuna da Aldeia Bom Pastor, localizada no município de Amaturá (a 910 quilômetros de Manaus), considera que a utilização do nome de seu povo em um papel higiênico é uma falta de respeito. "É uma forma de humilhar o povo ticuna", disse. Ele comentou que se a intenção da empresa Sovel da Amazônia fosse de homenagear o povo ticuna, os índios teriam que ser consultados.

"Eles não nos procuram para

saber da nossa opinião e nem para prestar qualquer tipo de homenagem", afirmou. Damião acredita que a empresa faria uma homenagem se utilizasse um nome indígena em produto da região, como é o caso do Guaraná Tuchaua. "Se é para homenagear, eles deveriam também divulgar a cultura e a história do povo ticuna e tupé". Damião afirma que o nome do povo em papel higiênico transmite uma idéia pejorativa. "Por que não colocam um nome indígena em um carro?", questiona.

Euzivaldo Queiroz



Damião Neto: "forma de humilhar o povo ticuna"

Damião faz uma comparação para explicar a reação contrária à utilização de nomes indígenas. "É a mesma coisa que eu pegar o nome ou a foto de uma pessoa famosa, colocar no artesanato indígena e vender sem consultar ninguém". Segundo ele, a pessoa que teve seu nome e foto utilizados não iria gostar. "Teria que primeiro pedir permissão", disse Damião.